

SIMBOLOGIA E INTERTEXTUALIDADE NO LIVRO “AS CRÔNICAS DE NÁRNIA”

SYMBOL AND INTERTEXTUALITY IN THE BOOK "THE CHRONICLES OF NARNIA"

Ana Carolina Alves de Lima Oliveira¹
Nilsandra Martins de Castro²

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo identificar algumas intertextualidades possíveis no livro “As Crônicas de Nárnia”, do autor irlandês Lewis. A Fundamentação Teórica mobiliza conhecimentos da Teoria da Literatura e do Letramento Literário, com vistas a compreender como as construções de sentido se recombina nas crônicas que compõem a obra supracitada. A Metodologia é do tipo documental com abordagem qualitativa, ao passo que a discussão travada aqui versa sobre excertos extraídos de uma das crônicas do livro, os quais são tratados a partir de um teor interpretativista. O referido artigo revela que a escrita de Nárnia é rica em simbologias e, por isso, vasta em possibilidades intertextuais, as quais, por sua vez, corrobora para sentidos diversos.

Palavras-Chave: Nárnia. Escrita. Intertextualidade.

ABSTRACT

This article aims to identify some possible intertextualities in the book "The Chronicles of Narnia" by the Irish author Lewis. The Theoretical Foundation mobilizes knowledge of Literary Theory and Literature Literature, with a view to understanding how the constructions of meaning recombine in the chronicles that make up the aforementioned work. Methodology is a documentary type with a qualitative approach, while the discussion here is about excerpts extracted from one of the chronicles of the book, which are treated from an interpretative content. This article reveals that the writing of Narnia is rich in symbologies and, therefore, vast in intertextual possibilities, which, in turn, corroborates to different senses.

Keywords: Narnia. Writing. Intertextuality.

1 INTRODUÇÃO

O texto é uma manifestação linguística e artística. Isso porque a sua construção de sentidos é algo diluído entre interlocutores e a estética do próprio enunciado (cf.

¹ Mestre em Ensino de Língua e Literatura (Estudos Literários) pela Universidade Federal do Tocantins (UFT), câmpus de Araguaína. E-mail: acalofashion@gmail.com.

² Doutora em Letras pela Universidade Federal do Tocantins – UFT. Docente da Faculdade Católica Orione. E-mail: nillsandra@gmail.com

GERALDI, 1997; BASTOS, 2001; KOCH, 2003; ANTUNES, 2010). Isso, aplicado ao âmbito dos estudos literários, confere à literatura características ímpares e intransferíveis em relação a textos de outra natureza.

Entretanto, as obras concernentes ao gênero literário, costumeiramente, apresentam características capazes de diferenciá-las de demais textos de outros gêneros. Em outras palavras, essa afirmação parece parafrasear as assertivas de Aguiar e Silva (1993) e Moisés (1993), ao salientarem esse princípio como algo típico dos textos literários. Segundo os autores, além do cuidado com as palavras na construção de uma escrita mais criativa³ e o propósito social da obra em si, há também a primazia na lapidação da linguagem, o que a torna dissemelhante de textos mais técnicos e científicos.

Nesse sentido, o livro “As Crônicas de Nárnia”, de Lewis, apresenta-se como uma referência por demais expressiva devido à recorrência às simbologias em potencial durante as histórias que se intercalam. Assim, a simbologia apresentada em Nárnia reforça, na verdade, a perpetuação de elementos da narrativa que exploram em demasia aportes simbólicos que têm seu sentido ressignificado no decorrer das ações no enredo.

Dessa forma, são possíveis de serem estabelecidas uma série de intertextualidades, muitas das quais de caráter religioso, em decorrência da alegoria que se desenha em torno das personagens psicologicamente densas, bem como das ações executadas pelas mesmas no livro de Lewis. Na seção seguinte, será debatida mais detalhadamente a concepção aqui adotada sobre intertextualidade.

Assim, os links de sentidos que são possíveis de serem estabelecidos, bem como a simbologia plurissignificativa apresentada no texto, confere a Nárnia tamanha riqueza de análise, uma vez que podem ser considerados diferentes aspectos na construção alegórica dos elementos da obra. Diante disso, esse artigo objetiva apresentar o início de um percurso de análise que se detém às intertextualidades de caráter religioso, a partir da riqueza de aspectos simbólicos na construção da linguagem no livro.

A pesquisa é do tipo bibliográfica e documental, visto que foram mobilizados conhecimentos de diversas ramificações dos estudos da linguagem, o que confere a este artigo uma postura interdisciplinar⁴. Assim, do ponto de vista bibliográfico, foram

³ O sentido aferido ao termo “criatividade” nesse artigo condiz com Benetti (1996). De maneira atemporal, o referido autor acredita que a percepção de algo criativo, no âmbito dos estudos da educação, esbarra na condição de necessidade adotada pela escola enquanto aparelho ideológico. Portanto, trata-se de uma definição mutável e subjetiva, tendo que considerar fatores externos na esfera escolar.

⁴ A concepção de *interdisciplinaridade* adotada nesse artigo é condizente com a apresentada por Fazenda (2008), ao propor que as áreas do conhecimento não podem se esgotar em si mesmas, tendo em vista que umas sobrevivem na outra em uma espécie de movimento dialógico.

utilizadas contribuições que versam sobre a Teoria Literária (cf. AMORA, 1992; GARCIA, 1992; AGUIAR E SILVA, 1993; MOISÉS, 1997), Letramento Literário (cf. YUNES, 1984; 2014; PAULINO, COSSON, 2009; COSSON, 2018), Teoria do Texto (cf. KOCH, 2003; MARCUSCHI, 2008; 2007; ANTUNES, 2010) e Semiótica (BERTRAND, 2003; FIORIN, 2011), sendo esta última corrente utilizada aqui apenas no que concerne à problematização da simbologia e seus respectivos sentidos possíveis.

Somada a isso, é também do tipo documental, tendo em vista que o livro “As Crônicas de Nárnia” é visto como documento que serve como *corpus* de análise. A perspectiva de entender as crônicas como documentos, e não apenas como texto, é o diferencial do viés documental adotado neste artigo. Isso, por sua vez, corrobora com a ideia de Nárnia enquanto literatura semiotizadora de práticas sociais e, portanto, perpassadas pelo viés ideológico (cf. TRIPP, 2005; CEOLLARD, 2008; SÁ-SILVA, ALMEIDA, GUINDANI, 2009).

A abordagem é de cunho interpretativista, partindo do pressuposto de que as análises dos excertos propostas aqui obedecem a critérios subjetivos que procuram resgatar a natureza abstrata dos sentimentos contidos no referido livro. Logo, trata-se de uma leitura totalmente sujeita às alterações a depender de razões particulares em que o autor esteja submerso, como seu conhecimento de mundo, por exemplo, tal como afirma Bortoni-Ricardo (2008).

Além dessa Introdução, das Considerações Finais e das Referências, este artigo é constituído por intermédio das seguintes seções: Intertextualidade na Literatura: Construindo Sentidos; Símbolos e Plurissignificação na Perspectiva do Letramento; Considerações sobre Nárnia; e Intertextualidades Possíveis a partir de sua Escrita

2 INTERTEXTUALIDADE NA LITERATURA: CONSTRUINDO SENTIDOS

Sabe-se que os textos são manifestações linguísticas, culturais e ideológicas que semiotizam diferentes perspectivas de se conceber o mundo, seus costumes e hábitos. Assim, é válido perceber que a intertextualidade é uma propriedade bastante latente na construção de sentidos dos textos, partindo da premissa da dialógica⁵ intrínseca entre as informações e argumentos conectados naturalmente no momento da gênese textual.

⁵ A concepção de dialogismo utilizada nessa abordagem parte dos princípios de polifonia bakhtinianos, ao compreender a sociedade em si como um jogo de vozes que se harmonizam no momento em que são manipuladas (cf. BAKHTIN, 1984; 2003; 2006).

Sobre intertextualidade, Marcuschi (2007; 2008) afirma que se trata de uma propriedade sócio-discursiva em que o sentido é ressignificado a partir da interação entre enunciados distintos, mas com semelhanças semânticas. Esse pressuposto parece sintetizar veementemente a concepção sobre intertextualidade adotada nesse artigo. Não é intenção, aqui, fazer um panorama exaustivo acerca da definição do referido princípio da textualidade. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Koch (2003) e Antunes (2010), nos quais as autoras problematizam essa temática em diversas possibilidades de ocorrência.

Os estudos que versam acerca do princípio da intertextualidade são mais costumeiramente problematizados pela Linguística de Texto, segmento dos estudos da linguagem, de origem alemã, que estudo sobre a dimensão semântica, pragmática e textual sobre as manifestações da língua, mantendo diálogo direto com diversas áreas do conhecimento humano. Um panorama bem detalhado acerca do histórico e da perspectiva de investigação desta vertente de estudos é apresentado por Fávero e Koch (2008).

No que concerne ao texto literário, o princípio da intertextualidade não se configura apenas como manifestação textual, já que a linguagem literária se desenha a partir de escolhas linguísticas, mas principalmente como recurso semântico-estilístico dada às proporções que toma a partir da intencionalidade e da estética literária (cf, YUNES, 1984; AMORA, 1992; MOISÉS, 1997).

A linguagem literária é específica em relação à linguagem empregada em outros textos. Essa afirmação é comprovada na pesquisa de Ranke e Magalhães (2014), quando as autoras propõem estratégias favoráveis para desenvolvimento da leitura literária no contexto escolar. Conforme as pesquisadoras, o texto literário não se fará fluido caso seja tratado como as demais manifestações da linguagem.

Diz-se que, na literatura, a intertextualidade é semântica devido aos efeitos de sentidos que causam a partir de sentidos já existentes, tal como assevera Franco (2014) em sua pesquisa, a qual problematiza as relações intertextuais entre a literatura machadiana e obras de arte visuais nas aulas de literatura no Ensino Médio.

Em Nárnia, por exemplo, é possível aferir significados distintos à figura do guarda-roupa, à construção do estereótipo de feiticeira, dentre outros, da mesma forma como corrobora a pesquisa de Lira (2011) e Gonçalves (2014), ao apresentarem um percurso de análise acerca das intertextualidades sagradas possíveis na obra de Lewis. Assim, a relação semântica que é possível estabelecer entre esses objetos, animados ou

inanimados, partem da ideia pré-concebida que se habita o senso comum à uma concepção mais abstrata e subjetiva a respeito dos mesmos.

A concepção de intertextualidade como princípio de natureza estilística na perpetuação de literatura para fins estéticos é de grande valia nas problematizações que são travadas nesse artigo. Danzinger e Johnson (1974) compreendem a linguagem literária como alegórica por advir da perspectiva estilística e crítica, posto que mobiliza diferentes posturas de compreensão acerca da literatura. Em outras palavras, do ponto de vista estilístico, deve-se levar em conta fatores extratextuais para compreensão da obra em si, tais como contexto histórico e ideológico de produção do texto, bem como o público a que se destina.

Nesse sentido, a intertextualidade é apresentada como postura basilar no resgate à própria identidade da obra sim, tornando-a uma referência canônica ou não. Vale elucidar que a concepção de cânone utilizada aqui não converge com a proposta clássica de canonização literária, largamente difundida e discutida por estudiosos da Teoria Literária e correntes afins. Aqui, parte-se do princípio de cânone como algo mais popular a erudito, de maneira que está mais diretamente ligada à aceitação da obra literária pela grande massa, ou a uma parcela maior do público, tal como é apresentado em estudos literários mais contemporâneos. Nesse artigo, o cânone é, na verdade, aquela obra que, por meio da qual, outras obras são propostas e ressignificadas, assim como propõe a pesquisa de Murakami (2016).

No caso de Nárnia, a estilística mobiliza saberes culturais e sociais da Inglaterra, somados a saberes de caráter religioso do povo inglês, os quais não aparecem explicitamente na obra de Lewis, mas coadunam para uma leitura mais plurissignificativa das crônicas. De acordo com Moisés (1997), na literatura, a ideia de plurissignificação pode ser diretamente associada à “ambiguidade” (p. 400).

Assim, é válido afirmar que o texto literário, mais do que qualquer outro, tende a exagerar da intertextualidade não apenas como recurso textual, mas sobretudo como ferramenta semântica e estilística, tendo em vista que o feixe de sentidos que pode construir reforça, na verdade, a natureza subjetiva e estética da literatura.

Dessa forma, o intertexto, a partir do momento em que promove um diálogo intrínseco de textos e discursos, constrói a anatomia de uma literatura mais rica de sentidos e alegorias, e, por isso, torna-se uma alternativa bastante propícia ao

desenvolvimento de muitas habilidades por parte do leitor, que buscará compreender sentidos nunca antes percebidos.

3 SÍMBOLOS E PLURISSIGNIFICAÇÃO NA PERSPECTIVA DO LETRAMENTO

O âmbito dos estudos literários é, por excelência, interdisciplinar. Isso porque a construção de sentidos dos textos literários não se esgota em si mesmo e, para seu delineamento, diversas áreas do saber humano são mobilizadas com o intuito de dar conta desse processo de maneira mais satisfatória, complexificando-o por consequência (cf. AGUIAR E SILVA, 1993; COSSON, 2018).

Nesse sentido, a simbologia fortemente presente nos estudos literários, bem como o princípio de letramento, são verdadeiros pontos dialógicos entre a literatura em si e as demais vertentes de pesquisa no campo das ciências humanas, sociais e aplicadas.

A presença de símbolos é de interesse de todas as áreas do conhecimento. No entanto, a Semiótica, vertente dos estudos da linguagem que versa sobre os sentidos acrescidos pela interferência do uso de símbolos verbais e não-verbais, apresenta interesse mais de perto por estes objetos de análise, ao problematizar relações interdiscursivas⁶ estabelecidas por intermédio dos símbolos na linguagem (cf. BERTRAND, 2003; FIORIN, 2011).

Bertrand (2003), em seus estudos, problematiza a interrelação existente entre a pessoa em si e os objetos que o cercam e, a partir disso, constrói diferentes sentidos. Para o autor, no contexto da semiótica literária, é necessário compreender que a delimitação de percursos gerativos de sentidos só é possível a partir da construção de sentimentos abstratos em torno do concreto.

Nesse caso, a literatura toma essa premissa como incentivadora para muitos estudos, devido à concepção universal que as investigações em Semiótica assumem no âmbito científico e acadêmico. Por outro lado, é necessário pontuar que a Semiótica aplicada aos textos literários incorpora especificidades contidas no contexto e concepção literária, o que a distingue da percepção analítica ao ser aplicada em outra área de interesse investigativo. Nesse ponto, resgata o pressuposto de subjetividade do texto literário, ao

⁶ Para Fiorin (2011), o interdiscurso é, na verdade, as diferentes vozes que dialogam no interior de um único discurso, o que o faz, naturalmente, uma materialização advinda de outras do mesmo segmento ideológico.

passo que o compreende como uma instância mais abstrata e, sobretudo, autônoma no sentido de que o universo literário é essencialmente independente de quaisquer princípios da realidade humana, ainda que ele retrate aspectos de uma dada sociedade em um momento histórico e cultural (cf. BERTRAND, 2003).

Teixeira (2011) mostra-se condizente à assertiva elencada acima, ao colocar a Semiótica como alternativa teórico-metodológica eficaz no mapeamento de sentidos do texto literário. Conforme a pesquisadora, trata-se de uma medida de cunho pedagógico, visto que induz o leitor inexperiente a adicionar a literatura às diferentes modalidades de consumo dos textos literários.

Isso, por sua vez, parece apresenta-se de maneira positivamente confluyente ao objetivo desse artigo. *As Crônicas de Nárnia* é uma obra em que a simbologia é um recurso estilístico e semântico frequente e, por isso, basilar na construção de sentidos. Além disso, a alegoria criada pelo autor cria e recria fatos e personagens que se recombina pelo viés da literatura fantástica, apresentando acontecimentos que, sob um olhar mais realista do mundo, não seriam possíveis de ocorrência (LIRA, 2011; GONÇALVES, 2014).

O perfil fantástico de Nárnia é semiotizado por meio de uma escrita criativa e uma estrutura fabular típica da literatura infanto-juvenil clássica. De acordo com Benetti (1996), a linguagem criativa é assim denominada no livro devido a sua liberdade e criatividade no momento das escolhas lexicais, o que gera uma sintaxe peculiar do gênero literário e do autor do escrito, bem como pela sucessão de ações fantásticas que são desencadeadas horizontalmente em uma estrutura fabular tripartida. Esta, por sua vez, apresenta-se como algo já estrutural do livro, que se baseia em uma situação inicial de tranquilidade, uma situação intermediária de conflito e uma situação final em que a tranquilidade do início volta à tona (cf. AMORA, 1992; AGUIAR E SILVA, 1993; MOISÉS, 1997).

A concepção literária formal assumida nesse artigo parte das contribuições de D'Onofrio (1995) ao elencar e discutir os elementos da narrativa como fatores constituintes do texto literário de maneira indissolúvel. Para o autor, um enredo tripartido baseia-se em três momentos: felicidade (inicial), infelicidade (intermediário) e felicidade (final).

No que concerne ao letramento, deve ser levada em conta a capacidade de utilizar-se do texto literário como artefato rico de interpretação e, com isso, como

motivação para outras produções de texto a partir dele (PAULINO, COSSON, 2009; COSSON, 2018).

A definição de letramento é por demais ampla, resgatando princípios de várias áreas do conhecimento humano na tentativa de colocá-los em diálogo. De maneira direta, o letramento está diretamente associado à capacidade de reflexão do uso da linguagem por meio da própria linguagem. Nisso, ao partirem da problematização de questões sociais, o letramento desenvolve o senso crítico e, com isso, catalisa habilidades inter-relacionais tais como leitura, escrita, interpretação e leitura, tornando a inserção social algo mais prático e viável.

Não é interesse fazer uma explanação exaustiva acerca da definição de letramento. Para maiores informações, consultar os trabalhos de Street (1984), Kleiman (1998), Soares (2011) e Magalhães (2012).

No que se refere ao campo dos estudos literários, o letramento na literatura tem sido ferramenta de análise para muitos pesquisadores. Nesse contexto, de acordo com Cosson (2008), o saber literatura não está relacionado ao ato de ler ou consumir os textos literários propriamente, mas sim na possibilidade de enxergar as temáticas discutidas nas obras no cotidiano real e, com isso, desenvolver mecanismos que viabilizem as práticas de relações humanas e crítica social.

Tal viabilização pode ser proporcionada por intermédio de quaisquer meios em que a literatura pode ser compartilhada, não apenas pelo livro manuscrito em si, mas também por diversas mídias digitais, filmes e televisão em que sobreviva o propósito do texto canônico (cf. PAULINO, COSSON, 2009; FRANCO, 2014).

Nesse sentido, o letramento literário, em termos utilizados por pesquisadores em sua maioria da estética da recepção, pode ser trabalhado em Nárnia por meio de sua intervenção e apelo religioso, sendo a religião um aspecto social, pela escrita fantástica da obra, bem como pelas possibilidades de retextualização em mídias mais alternativas, como as *Fanfiction*⁷, por exemplo.

As relações com temáticas religiosas na obra de Lewis podem ser estabelecidas por intermédio do princípio da intertextualidade, já mencionado na primeira seção do desenvolvimento deste artigo. De acordo com Lira (2011), os intertextos bíblicos que

⁷ Entende-se por *fanfiction* uma modalidade de escrita criativa da linguagem literária que consiste na ressignificação da escrita de uma determinada obra da literatura compartilhada em meios eletrônicos e digitais, estando sujeita à reelaboração face a interação dos leitores virtuais, assim como asseveram Oliveira e Manzano (2015) e Murakami (2016).

podem ser encontrados em Nárnia são convidativos aos leitores, posto que apresentam possibilidades de construções interpretativas da linguagem literária que, ao serem exercitadas, podem acarretar no desenvolvimento desta habilidade cognitiva e, com isso, proporcionar uma evolução em todas as áreas do conhecimento em que a habilidade de interpretação é exigida.

Por outro lado, a escrita de Nárnia, muitas vezes, chamada de criativa, corrobora para a criação de enredo abstrato no que concerne à maneira maravilhosa como a estrutura fabular se desenvolve. Isso, por sua vez, parece ser algo positivo ao desenvolvimento intelectual e conectivo do leitor, tendo em vista a preocupação na riqueza de detalhes que são, muitas vezes, perpetuados por inferências.

Assim, é pertinente afirmar que a escrita, na alegoria da referida obra, parte de um desenvolvimento psicogênico, tendo em vista que contribui para um processo de investigação imagética do universo literário. Azenha (1995) acredita que, em casos de uma escrita expressivamente simbólica e alegórica, a construção das imagens, ainda que de maneira maravilhosa, parte da maneira da disposição das letras, sendo estas recursos de construção de efeitos na estética literária.

Além disso, a retextualização de Nárnia em outras plataformas midiáticas sintetiza com exatidão a atual conjuntura do consumo da literatura, caracterizado por diversas formas de se consumir literatura, são as chamadas *Fanfiction*. Estas, por sua vez, refletem bem a efemeridade das coisas, bem como o perfil de novos públicos que demonstram interesse na literatura de uma maneira não convencional.

A interação de leitores, na maioria jovens, em meios digitais e informacionais, onde trocam informações acerca dos livros, demonstra o interesse de consumo sem precisar muito esforço, típico de uma era dita “líquida”, nos termos de Bauman (2004). A leitura e escrita de *Fanfiction* podem contribuir de maneira bastante substancial no desenvolvimento das habilidades de escrita e leitura, já que o texto literário pela ressignificação do leitor, além de apresentar características mais maleáveis em sua composição, em detrimento da obra canônica.

Em síntese, por problematizarem sempre a construção de sentidos por meio da linguagem, mesmo que de maneiras distintas, tanto a Semiótica, quanto o Letramento, aplicados ao contexto da Literatura, são convergentes e complementares em uma perspectiva de análise. No caso de Nárnia, essa interdisciplinaridade parece uma proposta bastante pertinente, dada a maneira como os símbolos são construídos e as

intertextualidades propostas no decorrer da narrativa. Assim, entende-se que tal confluência pode oferecer subsídios para um processo de leitura da obra de forma satisfatória.

4 CONSIDERAÇÕES SOBRE NÁRNIA

As Crônicas de Nárnia é um livro literário escrito pelo literato irlandês C. S. Lewis, sendo, talvez, a sua obra mais célebre no mundo, devido à perspicácia com a qual criou enredos, ilustrou fatos e se aliou a um teor religioso, sem, porém, beirar-se ao fanatismo muito comum em livros dessa temática.

O livro é constituído por sete crônicas independentes, mas que têm seus enredos associados ainda assim na medida em que a obra se desenrola. Como estas crônicas foram escritas por Lewis de maneira alinear, não é possível precisar qual foi a verdadeira ordem cronológica em que as crônicas foram escritas, embora muitos pesquisadores supunham essa ordem a partir da análise do enredo e do desencadeamento das ações no eixo sintagmático da obra. Entretanto, o que se sabe é que, muito provavelmente, na realidade, a ordem em que as crônicas foram escritas não condiz com a ordem em que as mesmas estão dispostas na obra.

Trata-se de um livro de natureza infanto-juvenil de grande repercussão no contexto da literatura inglesa. Entretanto, somente mais tarde que os escritos de Lewis ganharam projeção mundial por intermédio de adaptações em diversas plataformas midiáticas e digitais. No Brasil, por exemplo, Nárnia entrou para o rol como uma das leituras mais populares dentre os leitores *teen* somente nos anos 2000, depois da repercussão nos cinemas e nas redes sociais, com inúmeras versões criadas pelos leitores mais fanáticos da obra, os quais a retextualiza de modo a criar contextos imaginários inéditos a partir das desventuras dos verdadeiros personagens.

O referido livro caracteriza-se por uma linguagem fantástica e construções de personagens alegóricos, literariamente ricos, no sentido de que trazem consigo um jogo de sentimentos ambíguos, o que os aproximam dos verdadeiros sentimentos humanos. Assim, o jogo sintático da escrita apresenta-se de maneira bem peculiar, ao mesmo tempo em que oferece ao leitor atento subsídios capazes de uma construção mais autônoma de sentidos.

Entretanto, Nárnia parece ter herdado o teor maniqueísta típico da literatura clássica, em que é possível perceber, nitidamente, os impasses entre pontos opostos em uma espécie de competição desregrada, na qual o bem sempre triunfa sobre o mal. Nesse sentido, em uma perspectiva mais morfológica, o enredo das crônicas parece se alicerçar em uma linha verticalizada que se desenha a partir de um contato um tanto quanto previsível dos personagens. Logo, a narrativa é proposta de uma maneira leve e previsível, a partir de um enredo plano e tradicional, tal como as histórias dos contos clássicos da literatura infantil⁸.

Nem por isso, o maniqueísmo relatado acima torna a obra pouco expressiva. Pelo contrário, a opção por um enredo em que os polos narrativos são muito bem definidos atua diretamente como fator intensificador da religiosidade na obra de Lewis. Durante a narrativa, pode-se perceber várias intertextualidades com temáticas religiosas, seja pela composição e alegoria das personagens, ou pela simbologia dos objetos e ações descritas com delicadeza e primazia.

Assim, o caráter religioso configura-se como algo presente do início ao fim do livro o que é nitidamente perceptível em todos os elementos da narrativa. Logo, o maniqueísmo a que se trata desde o início dessa seção encontra na religiosidade contida na temática da escrita um forte aliado à concepção de triunfo do bem sobre o mal.

5 INTERTEXTUALIDADES POSSÍVEIS A PARTIR DE SUA ESCRITA

Nessa seção, são apresentados alguns excertos extraídos das crônicas escritas por Lewis que ajudam a compor a compilação *As Crônicas de Nárnia*. Tais análises partem da semelhança intertextual entre a obra do irlandês e o teor religioso propagado pelo Cristianismo.

Para isso, foram criadas três (03) categorias de análise responsáveis pelo cerne analítico deste artigo. Tais características foram propostas a partir da ocorrência das mesmas no livro ora referido, a partir do caráter subjetivo e interpretativista, conforme é sugerido pela abordagem qualitativa, adotada aqui. No quadro abaixo, seguem as

⁸ A literatura infantil e infanto-juvenil, conforme Cunha (1990), é iminentemente universal, partindo do pressuposto de que a simplicidade do nível fabular não corresponde à profundidade de sua complexidade, podendo servir como aporte para discussões em quaisquer níveis de ensino, bem como contextos socioculturais.

categorias de análise propostas aqui, seguidas dos critérios semânticos, estilísticos e pragmáticos que motivaram a discussão.

Quadro 1: Categorias de Análise e Critérios de Sentidos

CATEGORIAS DE ANÁLISE	CRITÉRIOS DE SENTIDOS
Jesus Cristão	Semelhança comportamental entre o leão Aslam e a figura do próprio Jesus Cristo pregada pelo cristianismo ocidental.
Maniqueísmo Religioso	Ideia de triunfo do bem contra o mal, a partir da concepção de medição de forças.
Nárnia do Éden	Descrição de Nárnia como espaço semelhante ao próprio Jardim do Éden, descrito nas escrituras bíblicas.

Fonte: Autoria Própria

Conforme o Quadro 1, é possível elencar três (03) categorias de análises que podem, de alguma forma, agregar diferentes momentos da referida obra, agrupando excertos que semiotizam princípios religiosos semelhantes. Abaixo, seguem-se os excertos juntamente com suas respectivas considerações analíticas. Os fragmentos são seguidos da categoria de análise a que pertencem.

EXCERTO 01

“Não liguem para ele- disse Brejeiro. - Não existem acasos. Nosso guia é Aslam; e ele estava presente quando o rei ordenou que as letras fossem gravadas; e já sabia de todas as coisas que viriam, inclusive esta” (Jesus Cristão).

O excerto acima sintetiza alguns acasos vivenciados pelas personagens de Nárnia, considerando o leão Aslam como uma espécie de guia e conselheiro para tomadas de decisões.

Nesse momento, é possível uma intertextualidade entre a figura do leão e a do próprio Jesus Cristo permeado em todos os livros bíblicos do Novo Testamento da bíblia cristã. Segundo a Bíblia, Jesus é a verdade, o guia supremo, onipotente e onisciente. Logo, digno de louvor e adoração, tal como consta no livro dos Salmos, por exemplo: “Confia os teus cuidados ao Senhor, e ele te susterá; jamais permitirá que o justo seja abalado” (SALMOS 55:22).

Nesse mesmo sentido, a alegoria em torno da figura do leão Aslam é proposta na obra de Lewis. O referido felino é considerado, tal como ilustra o excerto, o guia e o refúgio dos demais personagens, trazendo consigo conhecimentos celestiais, inclusive adquiridos em seu contato com figuras reais.

Dessa forma, a simbologia constituída em torno do referido felino bebe da fonte do cristianismo ao ser possível identificar a concepção real do leão junto aos demais animais da fauna em conformidade com a ideia de liderança e de soberania religiosa diante dos mais fracos. Para Lexikon (1997), simbolicamente, o leão “é um símbolo muito difundido quase sempre com significado solar ou estreitamente ligado à luz” (p. 120).

Abaixo, o segundo fragmento extraído das crônicas de Lewis.

EXCERTO 02

“Quando as coisas vão mal, parece que vão de mal a pior durante certo tempo; mas quando começam a ir bem, parecem cada vez melhores” (Maniqueísmo Religioso).

O excerto acima ilustra com exatidão o teor maniqueísta da estrutura fabular das narrativas de Nárnia, tendo como ponto intensificador do maniqueísmo religioso a polaridade entre o bem e o mal, a qual é perpetuada pelo sentimento de competição de disputas de poder, sendo o bem sempre o polo vitorioso.

Nesse momento, a intertextualidade que é possível ser estabelecida engloba a visão polarizada entre bem *versus* mal e a própria tripartição no nível fabular da obra de Lewis, o que a torna, de certa forma, clássica e previsível. Essa confluência, por sua vez, é algo recorrente nos textos bíblicos, onde é possível perceber passagens narrativas de grande teor romântico, nas quais o triunfo do bem sobre o mal é visto como uma espécie de castigo advindo da não obediência aos conselhos de Deus e/ou Jesus Cristo. Assim, pode-se dizer que é bíblico a concepção de que o bom é de agrado de Deus, sendo, pois, algo providenciado por Ele, tal como consta em Romanos: “O amor seja não fingido. Aborrecei o mal e apegai-vos ao bem” (ROMANOS 12:9).

Nesse mesmo sentido, a concepção maniqueísta na referida obra assemelha-se ao maniqueísmo bíblico partindo do princípio de que, a princípio, há a tempestade, seguida da bonança. Em outras palavras, depois de uma crescente de acontecimentos ruins, há o preparo para momentos de coisas boas que parecem se sobrepor, de maneira vitoriosa, aos acontecimentos negativos. Esse movimento assemelha-se a uma gangorra, no sentido de serem compreendidos como altos e baixos constantes, metaforicamente muito descrito nas escrituras bíblicas.

Assim, a simbologia constituída em torno da estruturação fabular das crônicas é alicerçada na ideologia cristã maniqueísta, por meio da qual é permitido perceber uma

elaboração de enredo simples, de natureza tripartídica, que leva à construção de tensões que polarizam as ações das personagens.

Abaixo, o terceiro fragmento extraído das crônicas de Lewis.

EXCERTO 03

“Nárnia, Nárnia, desperte! Ame! Pense! Fale! Que as árvores caminhem! Que os animais falem! Que as águas sejam divinas!” (Nárnia do Éden).

O excerto acima apresenta uma breve descrição física acerca da Nárnia, considerando a personificação das árvores e animais, típica do discurso maravilhoso da narrativa, ao aferir a isso características ditas “divinas”, ou seja, milagrosas.

Nesse momento, é possível estabelecer uma intertextualidade entre o excerto que enuncia essa categoria de análise e a descrição do paraíso, ou Jardim do Éden, nas escrituras do livro de Gêneses, na Bíblia Sagrada. Conforme as escrituras sagradas, o Éden era um lugar celestial, criado por forças divinas, em que, por não haver alastro de pecado, todos viviam em mais completa harmonia, onde a perfeição e a alegria reinavam até o pecado de Adão e Eva ao comerem o fruto proibido. Abusando de Figuras de Linguagem e a criatividade na escrita e na estrutura fabular, a Bíblia apresenta um jardim semelhante às descrições de Nárnia, assim como se lê em:

Ora, o Senhor Deus tinha plantado um jardim no Éden, para os lados do leste, e ali co-locou o homem que formara. Então o Senhor Deus fez nascer do solo todo tipo de árvores agradáveis aos olhos e boas para alimento. E no meio do jardim estavam a árvore da vida e a árvore do conhecimento do bem e do mal (GÊNESIS 2:8-9).

Nesse mesmo sentido, a fantasia em torno da descrição de Nárnia é uma proposta preponderante à construção de sentidos plurais que se entrelaçam e contribuem na visualização de um espaço galgado no fantástico e no maravilhoso bíblico. De acordo com Lexikon (1997), a concepção ideológica de espaço celestial é de herança da religião cristã, tendo em vista que se trata de um lugar “do qual atuam as divindades e para o qual as almas subirão após a morte” (p. 53).

Dessa forma, a simbologia constituída em torno do espaço fictício de Nárnia parte do princípio cristão ao ser possível identificar a intertextualidade com outros espaços celestes, bíblicamente descritos, o que realça a magnitude de Nárnia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao se desenvolver a partir da particularidade da escrita do texto literário, esse artigo apresentou alguns aspectos relevantes para construção de sentidos do livro “As Crônicas de Nárnia”. Tais aspectos partem da concepção de intertextualidade e simbologia dos textos literários, em consonância com a riqueza plurissignificativa da obra de Lewis.

Ao identificar aspectos religiosos que são construídos nos meandros de Nárnia, Lewis convida o leitor atento a reavivar seu lado religioso de maneira nem tão sutil assim. Assim, parte-se da premissa de que não se deve subestimar a riqueza de detalhes de uma obra infanto-juvenil simplesmente pelo fato do senso comum ter propagado a ideia de que os leitores de textos dessa natureza são menos exigentes em detrimento dos demais.

Nárnia é a prova de que as leituras literárias que não apresentam o adulto como público algo central também apresentam complexidade no mesmo nível das demais, a contar da veracidade e verossimilhança dos detalhes na composição global da obra de Lewis, ainda que o fantástico seja um ponto bem explorado na narrativa.

Em síntese, espera-se que esse artigo possa render ganhos substanciais aos estudos literários em diversos âmbitos, como as investigações que versam sobre letramento no campo da literatura. Isso, por sua vez, bebe da fonte de que a construção de sentidos permitida acerca da linguagem, intertextualidade e simbologia presentes em Nárnia nada mais é que o exercício de reflexão da linguagem sobre ela mesma e, dessa forma, os sentidos são permitidos em razão desta reflexão.

Para o processo de ensino de literatura é um apontamento essencial, a julgar pela possibilidade de desenvolvimento das habilidades de interpretação, leitura e escrita no contexto escolar, o que auxilia o aluno a melhorar seu desempenho nas demais disciplinas.

REFERÊNCIAS

AGUIAR E SILVA, V. M. de. **Teoria da Literatura**. Coimbra: Livraria Almedina, 1993.

AMORA, A. S. **Introdução à Teoria da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1992.

ANTUNES, I. **Análise de Textos: Fundamentos e Práticas**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

AZENHA, M. da G. **Imagens e Letras: Os possíveis acordos de Ferreiro e Luria**. São Paulo: Ática, 1995.

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2006.

BAKHTIN, M. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo/SP: HUCITEC, 2003.

BAKHTIN, M. **Problems of Dostoevsky's Poetics**. London: University of Minnesota Press, 1984.

BASTOS, L. K. **Coesão e Coerência em Narrativas Escolares**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BAUMAN, Z. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2004.

BENETTI, S. **Por uma Educação Criativa**. São Paulo: Paulinas, 1996.

BERTRAND, D. **Caminhos da Semiótica Literária**. São Paulo: EDUSC, 2003.

BÍBLIA Sagrada. Tradução João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana do Brasil, 1994.

BORTONI-RICARDO, S. M. **O professor pesquisador**: Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

CELLARD, A. A Análise Documental. In: POUPART, J.; DESLAURIERS, J. P; GROULX, L. H.; LAPERRIÈRE, A.; MAYER, R.; PIRES, A. P. **A Pesquisa Qualitativa**: Enfoques epistemológicos e metodológicos. Petrópolis: Vozes, 2008.

COSSON, R. **Letramento Literário**: Teoria e prática. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2018.

CUNHA, M. A. A. **Literatura Infantil**: Teoria e prática. São Paulo: Ática, 1990.

D'ONOFRIO, S. **Teoria do Texto 1**: Prolegômenos e teoria da narrativa. São Paulo: Ática, 1995.

DANZINGER, M. K.W.; JOHNSON, S. **Introdução ao Estudo Crítico da Literatura**. São Paulo: Cultrix, 1974.

FÁVERO, L. L.; KOCH, I. V. **Linguística Textual**: Introdução. São Paulo: Cortez, 2008.

FAZENDA, I. Interdisciplinaridade-Transdisciplinaridade: Visões culturais e epistemológicas. In.: FAZENDA, I (org). **O que é Interdisciplinaridade?** São Paulo: Editora Cortez, 2008. p. 17-28.

FIORIN, J. L. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Contexto, 2011.

FRANCO, I. S. B. **Letramento Literário no Ensino Médio**: Sobre a Relação entre Literatura e Artes Visuais em Contos de Machado de Assis. 2014. 119 f. Dissertação

(Mestrado em Ensino de Língua e Literatura) – Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2014.

GARCIA, O. M. **Comunicação em Prosa Moderna**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1992.

GERALDI, J. W. **Portos de Passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

GONÇALVES, S. R. O Intertexto Bíblico na Literatura: As Crônicas de Nárnia, De C.S. Lewis. **Anais do Congresso Internacional da Faculdades Est**. São Leopoldo: EST, v. 2, 2014. p. 1504-1526.

KLEIMAN, A. B. Ação e Mudança na Sala de Aula: Uma pesquisa sobre letramento e interação. In.: KLEIMAN, A. B. (org). **Os Significados do Letramento: Uma perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1998. p. 205-230.

KOCH, I. V. **Desvendando os Segredos do Texto**. São Paulo: Cortez, 2003.

LEWIS, C.S. **As Crônicas de Nárnia**. Trad. Paulo Mendes Campos. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

LEXIKON, H. **Dicionário de Símbolos**. São Paulo: Cultrix, 1997.

LIRA, E. E. P. O Sagrado e a Intertextualidade Bíblica em “As Crônicas de Nárnia”, de C. S. Lewis. **Garrafas**. Jul./Dez. Nº 38, v. [?], p. 29-45, 2011.

MAGALHÃES, I. Letramento, Intertextualidade e Prática Crítica. In.: MAGALHÃES, I. (org). **Discurso e Práticas de Letramento: Pesquisa etnográfica e formação de professores**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 2012. p. 17-68.

MARCUSCHI, L. A. **Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008.

MARCUSCHI, L. A. Gêneros Textuais: Definição e funcionalidade. In.: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (orgs). **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 19-36.

MOISÉS, M. **A Criação Literária: Prosa II**. São Paulo: Cultrix, 1997.

MURAKAMI, R. Y. **O ficwiter e o Campo da fanfiction: Uma reflexão sobre uma forma de escrita contemporânea**. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

OLIVEIRA, A. F. de; MANZANO, L. C. G. *Fanfiction*: “nova” ferramenta de leitura e escrita para o ensino de língua materna no ensino básico. **Calidoscópico**, nº 2, v. 13, p. 200-217, 2015.

PAULINO, G; COSSON, R. Letramento literário: para viver a literatura dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, R.; RÖSING, T. (Orgs.). **Escola e Leitura: Velha crise; novas alternativas**. São Paulo: Global, 2009.

RANKE, M. da C. de J.; MAGALHÃES, H. G. D. Motivação para ler Literatura: A leitura expressiva como geradora de condições favoráveis à fruição literária no Ensino Médio. In.: SILVA, L. H. O. da; MELO, M. A. de; OLIVEIRA, L. R. P. F. de. (orgs). **Ensino de Língua e Literatura: Pesquisas na Pós-Graduação**. Palmas: Universidade Federal do Tocantins, 2014. p. 21-36.

SÁ-SILVA, J. R.; ALMEIDA, C. D.; GUINDANI, J. F. Pesquisa Documental: Pistas teóricas e metodológicas. In.: **Revista Brasileira de História & Ciências Sociais**, Ano I, n. I. 2009.

SOARES, M. B. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto, 2011.

STREET, B. V. **Literacy in the Theory and Practice**. Cambridge University Press, 1984.

TEIXEIRA, L. Leitura e Interpretação de Textos: Contribuições da teoria semiótica. In.: RAMOS, D. V.; ANDRADE, K. S.; PINHO, M. J. de. (orgs). **Ensino de Língua e Literatura: Reflexões e perspectivas interdisciplinares**. Campinas: Mercado de Letras, 2011. p. 139-154.

TRIPP, D. **Pesquisa-Ação: Uma introdução metodológica**. São Paulo, v. 31, n. 3, set/dez, 2005.

YUNES, E. De Olhos Abertos: As relações entre Linguística, Letramento e Ficção no Ensino da Literatura. In.: CARMAGO, F. P.; VIEIRA, M. M. C.; FONSECA, V. N. S. (orgs). **Olhares Críticos sobre Literatura e Ensino**. São Paulo: Fonte Editorial, 2014. p. 53-60.

YUNES, E. **A Leitura e a Formação do Leitor: questões culturais e pedagógicas**. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.